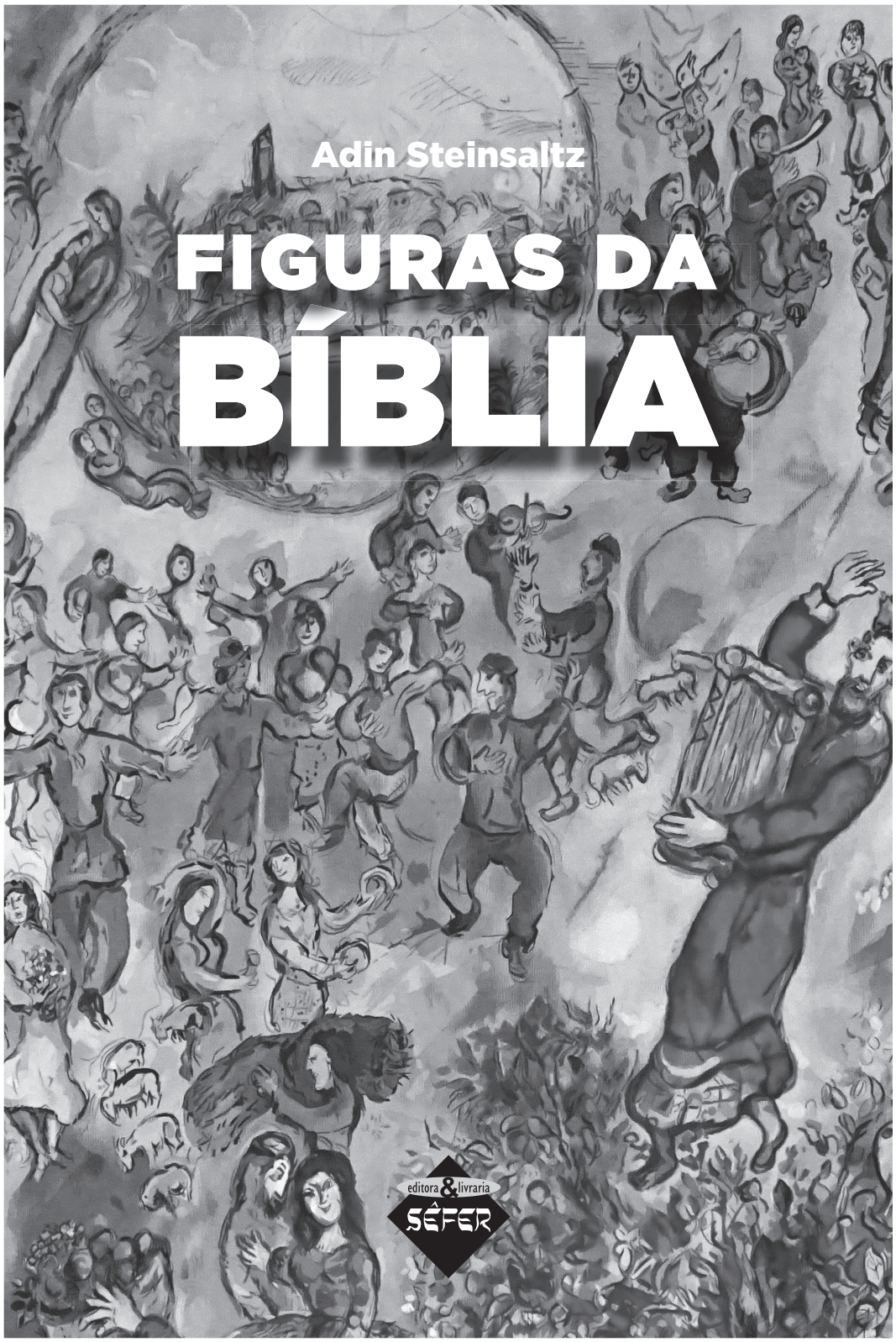


Adin Steinsaltz (Even-Israel)
FIGURAS DA BÍBLIA

Título original em inglês: BIBLICAL IMAGES
Copyright © 1984, 1994, 2010 by Adin Steinsaltz

Direitos exclusivos de edição desta obra
em língua portuguesa cedidos à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Telefone: 11 3826-1366 – sefer@sefer.com.br – www.sefer.com.br

Tradução:	Paulo Geiger
Revisão e Edição:	Bernardo Lerer
Editor:	Jairo Fridlin
Edição das litogravuras de Gustave Doré (1832-1883)	LCT Tecnologia
Editoração Eletrônica:	Editora Sêfer
Projeto gráfico e Capa:	Dagui Design
Imagem da capa:	Tapeçaria de Marc Chagall (P. Spiro/Alamy Stock Photo)
Agradecimento:	Rabino Meni Even-Israel

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se "ch" para o som de RR, como caRRo, e "sh" para o som de CH, como em CHave.

A fonte dos versículos citados nesta obra é o
TANAH COMPLETO (2018) da Editora e Livraria Sêfer.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2020
ISBN 978-85-7931-0xx-x
Printed in Brazil

Sumário

Sobre o autor 9
Introdução 11
Agradecimentos 19

CAPÍTULO UM
Eva, a metade faltante 21

CAPÍTULO DOIS
Abrahão, o renovador 31

CAPÍTULO TRÊS
Sara, a parceira 39

CAPÍTULO QUATRO
Isaac, a segunda geração 51

CAPÍTULO CINCO
Rebeca, a ovelha branca da família 61

CAPÍTULO SEIS
Rachel, o sonho não realizado 69

CAPÍTULO SETE
Lea, a esposa e mãe 77

CAPÍTULO OITO
José, o senhor dos sonhos 85

CAPÍTULO NOVE
Aarão, o profeta do povo 95

CAPÍTULO DEZ
Miriam, a grande irmã 103

CAPÍTULO ONZE
Josué, o discípulo complementar 111

CAPÍTULO DOZE
Débora, a profetisa política 121

Sumário

CAPÍTULO TREZE
Sansão, o profeta do poder 131

CAPÍTULO QUATORZE
Rute, a fonte oculta 141

CAPÍTULO QUINZE
Samuel, o renascimento religioso 149

CAPÍTULO DEZESSEIS
Saul, a perigosa inocência 159

CAPÍTULO DEZESSETE
Michal, a princesa e o pastor 169

CAPÍTULO DEZOITO
Salomão, a sabedoria e seus limites 177

CAPÍTULO DEZENOVE
Eliseu, o profeta pragmático 185

CAPÍTULO VINTE
Iehú, uma loucura calculada 195

CAPÍTULO VINTE E UM
Izével, a grande rainha 203

CAPÍTULO VINTE E DOIS
Ataliá, a paixão por governar 211

CAPÍTULO VINTE E TRÊS
Josias, o último monarca 221

CAPÍTULO VINTE E QUATRO
Ezrá, o líder ideológico 229

CAPÍTULO VINTE E CINCO
Ester, a missão no harém 239

Sobre o autor

O rabino Adin Steinsaltz (Even-Israel) é professor, filósofo, crítico social e autor prolífico, considerado pela revista Time como "o erudito do milênio". Seu trabalho de uma vida inteira dedicado à educação judaica valeu-lhe o Prêmio Israel, a mais elevada e prestigiosa honraria do Estado de Israel, em 1988.

Nascido em Jerusalém em 1937 de pais seculares, o rabino Steinsaltz estudou matemática, física e química na Universidade Hebraica de Jerusalém – simultaneamente aos estudos judaicos dirigidos ao rabinato. Após se formar, estabeleceu várias escolas experimentais, e aos 24 anos de idade tornou-se o mais jovem diretor de escola em Israel.

Em 1965, começou a fazer a monumental tradução do Talmud para o inglês cuja complementação foi comemorada em 2010 com a inauguração do Dia Global de Estudo Judaico, que se tornou um evento internacional anual em mais de 40 países.

Ao todo, o rabino Steinsaltz é autor de mais de 60 livros e de centenas de artigos sobre temas que vão de zoologia e teologia até comentário social. Sua obra clássica sobre a Cabala – A rosa de treze pétalas – foi publicada pela primeira vez em 1980, e até agora foi publicada em oito idiomas. Conhecido como um pensador original e de mente aberta,

ele tem proferido palestras e dado aulas em – literalmente – centenas de comunidades por todo o mundo.

Em seu trabalho como professor e mentor espiritual, o rabino Steinsaltz estabeleceu uma rede de escolas e instituições educacionais em Israel e na ex-União Soviética. Serviu como acadêmico em residência no Centro Woodrow Wilson para Estudos Internacionais, em Washington D.C., e no Instituto de Estudos Avançados da Universidade Princeton. Suas graduações honorárias incluem doutorados pela Yeshiva University (NY), Universidade Ben Gurion do Neguev, Universidade Bar Ilan, Universidade Brandeis e Universidade Internacional da Flórida.

O rabino Steinsaltz vive em Jerusalém com sua família.

Introdução

Os personagens e heróis da Bíblia são, sem dúvida, algumas das figuras mais conhecidas da História. Até mesmo pessoas pouco versadas nas Escrituras, que não leem a Bíblia com regularidade, pelo menos sabem os nomes das personalidades mais importantes. Direta ou indiretamente nos deparamos com elas o tempo todo, na arte, na literatura, nas falas ou no folclore. Ainda assim, esses homens e essas mulheres da Bíblia continuam sendo os mais esquivos, mais enigmáticos e menos compreendidos entre todos os heróis. Este desconhecimento – ou incompreensão – não se deve, necessariamente, à ignorância e, sim, ao fato que as *personas* bíblicas são tão familiares, tão "famosas", que se tornaram quase estereótipos, vítimas de padrões de pensamento aceitos, encaixados em modelos convencionais e sujeitos a suposições nunca questionadas que impediram qualquer tentativa de uma compreensão mais profunda. Não é incomum algo que "todo mundo conhece e sabe o que é" não receber a atenção que merece.

No entanto, outro fator, mais crucial, atua aqui: a natureza da própria narrativa bíblica faz até mesmo aqueles mais meticulosamente familiarizados com a história tal como é contada se confrontarem com um atordoante "branco" quanto às personalidades lá representadas.

Dois elementos fundamentais nas Escrituras emprestam a esses relatos caráter e força especiais e produzem o mistério que cerca os protagonistas. O estilo da escrita é quase sempre objetivo e distante, e os heróis e as heroínas não são idealizados. É como se fossem vistos do alto, de modo mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais desengajados do que a crônica histórica padrão. A narrativa é também tão factual quanto possível, sem tentativas de penetrar na psique dos personagens ou de analisar suas razões. As técnicas e truques dos dramaturgos, o monólogo revelador, a conversa consigo mesmo que explica sonhos e anseios, um coro que provê detalhes de fundo, tudo isso está ausente nas Escrituras. É o estilo quase seco que faz a história bíblica ser impactante. Aqui, cada sentença, cada ação, é relevante, indicando, por meio das mais sutis alusões, ocorrências cujo significado vai ressoar nas almas dos homens e no mundo inteiro. Nós assistimos aos eventos, mas suas implicações permanecem obscuras; vemos o resultado dos eventos, sem jamais saber claramente coisa alguma sobre seus mecanismos internos. No que pensava Abrahão quando levava seu filho Isaac para o sacrifício? Como se sentiu Moisés quando o Todo-Poderoso revelou a Si mesmo. Por que Avshalom [Absalão] rebelou-se contra seu pai? Só podemos adivinhar as respostas a essas perguntas; nas Escrituras, não se diz palavra a respeito delas.

Outro aspecto dessa visão despojada é o quadro multifacetado que ela provê. Embora seja clara e inequívoca a distinção entre o bem e o mal, entre pecadores e santos, não há uma tentativa de ajustar os acontecimentos e incidentes

para se encaixarem na imagem geral de uma personalidade. Os grandes homens e mulheres que servem de exemplos e modelos para todas as gerações não são descritos apenas em termos de uma refulgente admiração. Suas falhas, fracassos e dificuldades são descritas com a mesma objetividade como os dos pecadores; e o contrário também é verdadeiro: os aspectos bons daqueles geralmente considerados personalidades negativas são mostrados também. Os "bons sujeitos" das Escrituras não são santos de gesso, todos "doçura e luz"; nem os "sujeitos maus" são monstros, mas seres humanos que se revelam em todos os seus muitos (e às vezes contraditórios) aspectos.

A *persona* bíblica é vista não apenas em suas cores verdadeiras, mas também no contexto de uma dimensão maior. O valor individual de alguém nunca é julgado simplesmente com base em sua existência privada, mas também do ponto de vista de suas implicações mais amplas. Heróis e heroínas bíblicos têm suas vidas privadas, mas cada ação sua tem, também, um significado para a sociedade como um todo. A vida privada de uma determinada figura pode ser um modelo de bondade e decência (ao menos a seus próprios olhos), mas pode ser bem destrutiva em termos da sociedade. Por outro lado, o pecado privado pode nem sempre levar a um resultado negativo no contexto da família, da sociedade ou do estado. Na Bíblia, eventos são avaliados em relação à época em que ocorreram e também ao espectro total do tempo histórico, levando inevitavelmente a mudanças na avaliação das ações e dos eventos, no relacionamento entre o grande e o pequeno, ao importante e ao trivial. Assim, o

grande e poderoso governante acaba se revelando parte de um pequeno e insignificante episódio histórico, e o miserável perseguido demonstra que é a única pessoa significativa em toda uma era.

Este parâmetro de significância estende-se além do julgamento da história, porque, nas Escrituras, tudo isso é medido em termos do tempo finito e da eternidade. Assim, não importa a exaltação do seu ponto de vista, e o julgamento geral dos eventos e das pessoas, a Bíblia tem a ver com todas as dimensões – o exaltado e o abstrato ao longo de pequenos detalhes da vida, tal como é vivida no nível mundano, humano. A exaltação pode, aqui, abranger o sonho fugaz, menor, passageiro. Assim, a narrativa bíblica constrói-se sobre uma generalização que abrange grandes períodos de tempo e eventos fascinantes e, ao mesmo tempo, atém-se aos menores e mais precisos detalhes. A maior coisa do mundo não é descrita como sendo maior do que a capacidade do homem de se reportar a ela. E a menor nunca é trivial demais, e sim, sempre, importante para a compreensão da existência.

As grandes pinceladas na tela bíblica são suplementadas aqui e ali por miniaturas muito detalhadas; juntas, essas imagens produzem retratos notáveis, multidimensionais, cheios de vida e vigor. Essas características produzem a beleza e o poder da história bíblica e também dificultam compreender os personagens. Nenhuma história é simples e unidimensional; nenhum personagem é autoexplicativo. Como na vida real, há variações e contradições; e, como na vida real, elas sinalizam soluções sem na realidade as fornecer.

Há outro aspecto no problema das *personas* bíblicas. A Bíblia não é um livro a ser lido ociosamente, de passagem, e os homens e mulheres das Escrituras são mais do que meros retratos da vida; eles continuam a viver e a atuar muito depois de suas mortes neste mundo. O antigo costume judaico de falar a respeito dos personagens bíblicos usando o tempo presente exprime uma experiência genuína. Eles não são figuras históricas comuns, e sim arquétipos; desta forma, levam suas vidas e as continuam não apenas na literatura e na filosofia, mas nas vidas de seus descendentes ao longo de gerações. Em certo sentido, continuam a viver e também a evoluir ao longo da história judaica e em sua experiência física, como parte da personalidade coletiva da nação judaica.

Durante gerações, milhares de comentários têm sido escritos, e milhares de lendas surgiram e se tornaram parte integral da história de cada personalidade bíblica. Dimensões e aspectos apenas sugeridos nos relatos bíblicos se desenvolveram, e cada personagem ganhou em profundidade e substância com sua grande exposição no Talmud, na Cabala, na tradição oral e nos contos folclóricos. Nenhuma história bíblica está completa sem esta camada adicional de conteúdo, que a cada retrato acrescenta novas formas e linhas, resolvendo alguns problemas, adicionando novo material e produzindo novos esboços que, por sua vez, devem ser preenchidos e completados.

Esta coleção de retratos selecionados de personagens bíblicos é uma tentativa de preencher alguns desses esboços num retrato, que esclareça certas coisas sugeridas nas Escrituras. É uma tentativa de compreender por dentro algumas

figuras bíblicas bem conhecidas, analisar suas motivações, tentar entender suas experiências espirituais e aspirações no contexto do período histórico no qual viveram. Para tentar apresentar um retrato complexo e não meramente se satisfazer com uma retrospectiva histórica, este material deriva de fontes judaicas tradicionais. Na maioria dos casos, essas fontes não estão listadas, pois o material foi recolhido de muitos níveis e tipos do rico tesouro da literatura judaica; e, pela própria natureza das coisas, há muito mais coisas aludidas do que escritas explicitamente. Leitores familiarizados com essas fontes saberão reconhecer as alusões em maior ou menor grau, enquanto os que estão fora da cultura judaica só iriam se confundir com referências muito detalhadas.

Devido à complexidade das *personas* da Bíblia, não tem sido possível debatê-las em todos os seus variados aspectos. Portanto, o objetivo destes capítulos é comentar uma faceta de um determinado personagem – um ponto de vista que o, ou a, ilumine de certa maneira e seja relevante quanto aos problemas e eventos dos dias atuais.

A necessidade de lidar com um quadro limitado reduz, naturalmente, o âmbito de cada retrato, de modo a que cada capítulo deve ser visto como a elaboração e aperfeiçoamento de um detalhe dentro do todo. Assim, certas personalidades foram omitidas, porque esta estrutura impede que se faça justiça à sua importância total. Jacob, Moisés e David são personagens tão fundamentais, tão multidimensionais que não seria apropriado restringir-se a um ou outro aspecto de suas personalidades.

Os personagens neste livro têm, portanto, significado duplo. São personagens bíblico-históricas e também figuras arquetípicas de certo modo relevantes para a vida interior do indivíduo moderno, e também para a sociedade e a política modernas. Nem todas essas pessoas foram personagens modelos; há bons e maus, aqueles cujos atos foram perpetuados até hoje e os que serviram de advertência e de sinal de alarma para que não se repitam erros do passado.

Mais do que tudo, o objetivo deste livro não é fornecer todas as respostas, e sim estimular o leitor a conhecer melhor os homens e as mulheres da Bíblia, a ler – ou reler – as Escrituras para seu próprio benefício e redescobrir o prazer do estudo da Bíblia que é um mapa do passado, um guia para o presente e uma referência para o futuro.

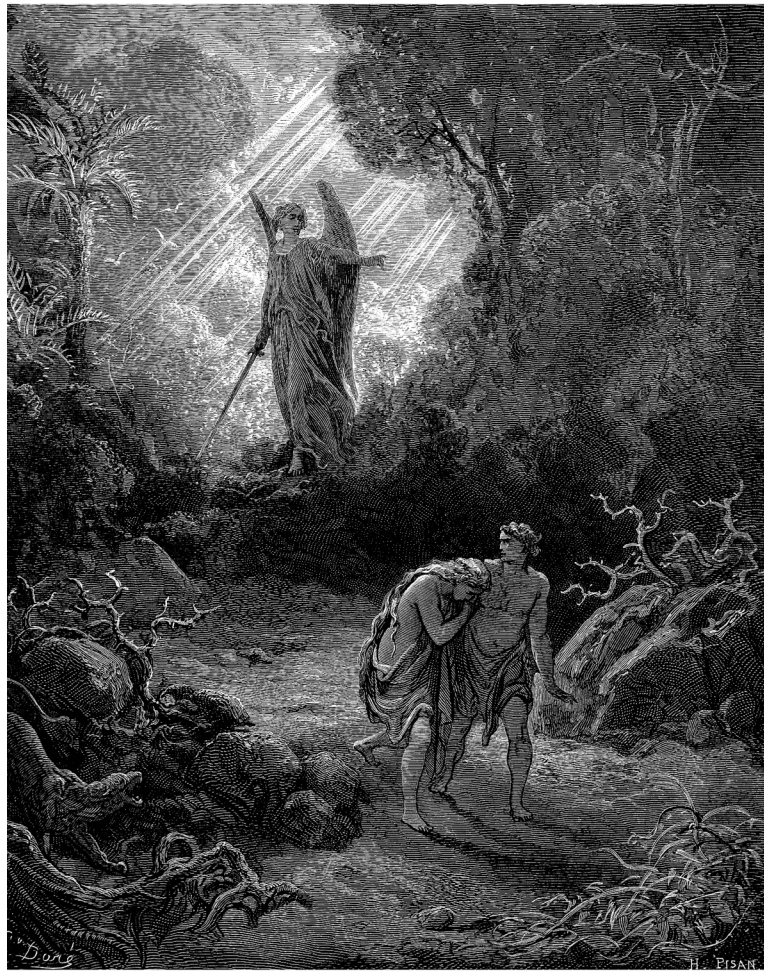
Agradecimentos

Este livro é produto de duas séries de palestras primeiro transmitidas pela estação de rádio israelense *Galei Tsahal*, o canal do exército, e depois publicadas em forma de livro pelo Ministério da Defesa de Israel com o título *Traços de personalidades bíblicas* (1981) e *Mulheres na Bíblia* (1983). Agradeço à produtora das séries, Tirzah Yuval-Elhanati, por essas transmissões.

Surgiu outra oportunidade para preparar e editar este material num formato mais definitivo quando convidado do Instituto para Estudos Avançados em Princeton, em 1982, e quero expressar minha gratidão ao diretor do instituto, dr. Harry Woolf, por tornar essa oportunidade possível.

Agradecimentos especiais são devidos também a meu amigo, dr. Leon Canick, pelo apoio e estímulo durante as etapas finais desta obra.

Um cálido sentimento de gratidão é certamente o que tenho por Milton Taubman, por ter provido os meios para preparar a tradução para o inglês. Finalmente, meus agradecimentos aos tradutores do livro, que trabalharam com amor para transformar esse texto complexo e de insinuações e alusões sutis, num inglês compreensível e legível: Yehuda Hanegbi, para os capítulos acerca dos homens da Bíblia, e Yehudit Keshet, para os capítulos a respeito das mulheres; e Michael Swirsky, pelo capítulo de Eva.



Adão e Eva expulsos do Éden

CAPÍTULO UM

Eva, a metade faltante

Mais do que somente a primeira mulher mencionada nas Escrituras, Eva [Chavá]* é a primeira mulher. Ponto. Por isso, ainda mais do que outras figuras bíblicas, ela é um arquétipo, mãe e precursora das mulheres em geral. Em certo sentido, todo homem, em alguma etapa de sua vida, é Adão, e toda mulher é Eva. O relacionamento entre Adão e Eva é fundamental para todo modelo de vida. Retornamos repetidamente, numa multiplicidade de disfarces e formas, a estes dois protótipos, pois Adão e Eva representam o decurso completo da vida humana; em outras palavras, eles projetam uma imagem não dos homens em suas individualidades e particularidades, mas do homem como espécie, da humanidade como humanidade. Tanto assim que existe a mística de que todas as almas humanas não apenas descendem de Adão como são, na realidade, dependentes dele, componentes de seu ser. Adão é o homem que inclui nele todos os homens. Adão e Eva não são simplesmente arquétipos, mas o próprio material de que é feita a humanidade, e sua história é a história da raça humana.

Esta interpretação da história de Eva abre caminho para

* A história de Eva encontra-se em Gênesis 2:18-4:2. Referências semelhantes vão-se se referir às fontes nos capítulos seguintes.

uma visão abrangente das mulheres, pois, como dei a entender, toda mulher é parte de Eva em uma ou outra ocasião, e de um modo ou de outro desempenha o papel de Eva mais e mais uma vez. Não quer dizer que necessariamente Eva deva ser considerada um modelo. Nem mesmo as figuras femininas mais exemplares na história judaica são isentas de defeitos. Mesmo as quatro matriarcas – Sara, Rebeca, Lea e Rachel – que são em muitos aspectos paradigmas da feminilidade judaica, não ficam imunes a críticas dos sábios do Talmud ou por luminares de outras gerações. Na verdade, nenhuma das grandes personalidades bíblicas se apresenta como uma incorporação inequívoca ou unidimensional de doçura e luz. Todas são pessoas reais, vivas, com seus triunfos e fracassos, suas forças e tentações, inibições e lutas. Às vezes, é a própria falha ou o defeito de um indivíduo que supõe seja um fator construtivo.

Todas essas personalidades na Bíblia são, em certo sentido, lições práticas, embora não necessariamente devam ser imitadas. Pelo contrário, o objetivo de uma determinada narrativa é frequentemente o de nos advertir contra os erros de nossos ancestrais, por maiores, e importantes e até mesmo superiores que possam ter sido. Assim, por exemplo, a história de Eva é a história de uma mulher que, por um lado, tem a graça e a beleza de toda mulher, e por outro, toda a sua capacidade de corromper e ser corrompida. Eva é tanto exemplo positivo como advertência quanto ao poder da mulher e ao papel feminino no mundo.

A história de Adão e Eva é multifacetada, e vou tocar em apenas alguns de seus aspectos. A primeira coisa que é

importante compreender a respeito dela é a aparentemente simples questão de sua criação, o que, por sua vez, reflete certa noção de seu relacionamento com Adão. Os sábios talmúdicos concordam em que Eva não nasceu simplesmente da costela de Adão, como de certo modo nos acostumamos a pensar, mas que Adão e Eva (ou melhor, *haadam harishon*, "o homem primordial") veio a existir como uma só criatura com dois rostos, ou lados – um, masculino; o outro, feminino. A palavra bíblica *tsêla*, comumente entendida como significando "costela", pode ser interpretada com o sentido de "lado", como na expressão *tsêla hamishcan* ("um lado do Tabernáculo" – Êxodo 26:26). A mulher foi criada da *tsêla* de Adão porque deveria começar com uma *tsêla* – um lado – ou um aspecto do homem primordial, que assim veio a constituir duas pessoas distintas.

Esta noção é reforçada quando se olha para além da história da criação do homem, para suas implicações à medida que relatadas e o que se segue daí. A ideia da criação como separação remonta tanto às próprias Escrituras quanto, depois delas, a todo o transcorrer da literatura judaica. Daí, o resultado é que o relacionamento entre homens e mulheres em todos os tempos e lugares tem o caráter de uma busca por algo perdido, para usar a expressão talmúdica. Homens e mulheres são essencialmente partes de um único todo, originalmente criados como um único ser; no entanto, por várias razões – principalmente para o estabelecimento de um tipo de conexão diferente, mais complexa, e talvez mais profunda entre os dois –, o corpo inteiro se divide. As duas metades do corpo estão constantemente à procura uma da

outra, e não se sentem realizadas enquanto não se reúnem numa nova e diferente unidade. As seguintes palavras das Escrituras – "Portanto, o homem deve deixar seu pai e sua mãe e unir-se à sua mulher, e assim serão como uma só carne" (Gênesis 2:24) – referem-se primariamente ao evento da divisão. A implicação é que, conquanto a ligação filial seja muito forte – na verdade, virtualmente indissolúvel –, existe outra ligação, oculta, mas assim mesmo presente no nascimento: a ligação com o/a futuro/a parceiro/a. Essa ligação é ainda mais fundamental para a existência da criança do que a ligação com seus pais, e assim ulteriormente ela os abandona e sai em busca de sua perdida "metade melhor". Sua busca é por sua própria plenitude, pela inteireza de sua própria carne, que ela perdeu quando, na segunda criação, foi como que dividida em duas. O que ela busca é uma volta à sua unicidade primordial.

Segundo esta visão, o relacionamento macho-fêmea não visava originalmente à procriação, mas a algo mais básico e primário. A procriação é uma função secundária. Na história da Criação e de Eva, o parto aparece mais tarde, numa surpreendente nova dimensão da relação entre homem e mulher. Em certo sentido, o nascimento de uma criança é uma espécie de bônus, uma nova criação, um novo ser, maravilhosamente trazido à existência num verdadeiro ato de reunificação. A unicidade primordial em si mesma parecia ser estéril, mas, ao recuperar essa unicidade, as duas partes ao se unirem criam de si mesmas algo que não tinha existência antes disso. E, de fato, a narrativa que descreve o primeiro parto e a primeira criança enfatiza a maravilha

dessa nova criação, desse novo mundo. A ligação básica entre macho e fêmea não é uma função, mas um elo essencial e a reunificação de suas essências. Como consequência, a família, também, passa a ser vista como um valor primário intrínseco do ser humano, e não meramente um dispositivo social para satisfazer uma ou outra necessidade.

A história da separação, de dividir em duas metades a personalidade humana original, lança uma luz sobre a diferença básica entre os seres humanos e outras criaturas vivas. Estas estão, desde o início, divididas em machos e fêmeas. Daí que o relacionamento entre os dois sexos, em seu caso, baseia-se na tarefa da reprodução e não em qualquer significado inerente a seu relacionamento. Tomando emprestada uma expressão do sábio medieval Rabi Moshe ben Nachman, "Nenhum touro toma uma vaca como esposa". A ligação é acidental, oportunista, e funcional num sentido que a ligação conjugal humana não pode ser.

Fica claro, então, que a história da criação de Eva a partir da *tsêla* é mais do que um relato incidental; é essencial para a compreensão dos laços conjugais e familiares, e para toda a elaboração, posteriormente, de maneiras de fortalecê-los. O grande corpo das leis e costumes conjugais judaicos com todos os seus detalhes não é mais do que uma expressão e uma explicitação do papel original da primeira mulher, Eva. Até os dias de hoje, uma das Sete Bênçãos Nupciais – "Faz a noiva e o noivo se regozijarem como fizeste em Tua criação no primevo Jardim do Éden" – nos faz lembrar esse tema. De fato, todo casamento é um retorno ao estado primordial de Adão e Eva.

Outro elemento importante na história do Éden é o papel de Eva como uma urdidora de tramas e, por isso, a responsável pela expulsão do Jardim. A história da tentação de Eva suscita muitas perguntas que têm perturbado estudantes em todas as épocas – entre as quais a que questiona a razão dessa particular sequência de eventos e por que foi Eva quem tentou Adão.

Uma das explicações mais significativas gira em torno de uma peculiaridade dessa primeira geração humana, peculiaridade depois retificada. Adão, assim parece, foi comandado diretamente por Deus, enquanto Eva recebia os comandos somente por intermédio de Adão. Devido a esta circunstância, tira-se uma conclusão de longo alcance: a obediência à autoridade Divina, seja aos comandos de proibição ou de obrigação, tem de se basear num relacionamento pessoal e direto. Quando, na ausência de tal relacionamento, a obrigação é mediada por uma terceira parte, falhas são coisas inevitáveis. A história da manifestação Divina no Sinai, que em seu formato interior, descrevendo a "criação" de Israel, recapitula a história da criação de Adão, é, contudo, essencialmente um inverso da expulsão do Éden. Aqui os mandamentos são dados de maneira bem diferente: toda a Casa de Israel, tanto os homens quanto as mulheres, adiantam-se para receberem, juntos, a Torá. Os *rishonim* (comentaristas rabínicos medievais) chegaram a descobrir indícios de que a Torá teria de ser aceita *primeiramente* pelas mulheres (a "Casa de Jacob"), antes de pelos homens (a "Casa de Israel"). Esta é, pois, uma retificação do modelo original, baseado – ao menos em parte – na necessidade de um relacionamento franco e verdadeiro.

Existem outras explicações também, as quais oferecem, no mínimo, material para meditação. Um problema que envolveu os sábios do Talmud numa variedade de aspectos foi o que eles chamaram de "uma dose adicional de compreensão outorgada às mulheres" – a intuição feminina, que implica, entre outras coisas, elas terem um grau extra de curiosidade. O incidente da Árvore do Conhecimento, afinal, tem a ver, em parte, com o despertar da curiosidade e a tentação de saber demais. A curiosidade em si mesma não é considerada uma coisa ruim ou que leva ao pecado, mas investigar além dos limites permissíveis é sempre perigoso e, às vezes, corruptor. Daí a tentativa de estabelecer uma variedade de limitações à atitude inquisitiva das mulheres.

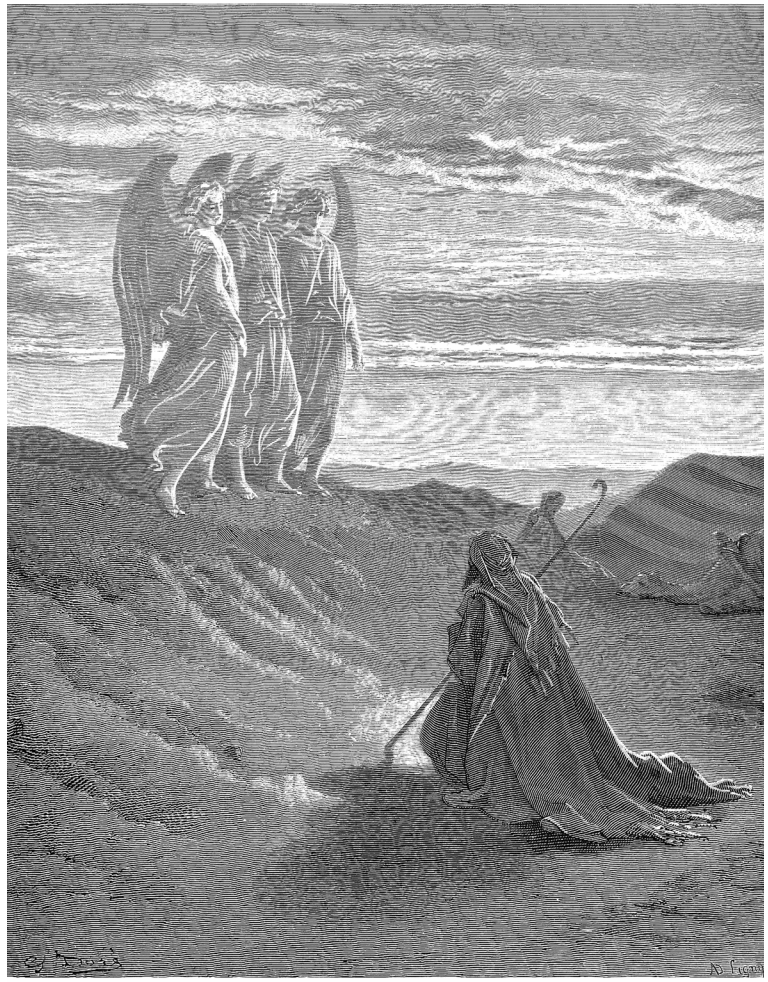
A partir de outro ponto de vista, também muito debatido, o pecado da Árvore do Conhecimento está ligado ao caráter especial do relacionamento entre macho e fêmea. O sentido deste pecado é, obviamente, muito amplo e inclui em seu alcance questões de conhecimento como oposição a inocência, de vida e de morte.

Seres humanos são as únicas criaturas vivas cujas vidas sexuais não se limitam ao código reprodutivo. Somos realmente emancipados a um nível único do ciclo da natureza; é uma percepção consciente de parentesco e uma emoção decisivos para nós e não um instinto biológico, o qual serve apenas como uma base subjacente.

A questão do conhecimento (*dáat*) neste contexto e, certamente, no da Árvore do Conhecimento, deve ser vista à luz de como se usa a mesma raiz hebraica para descrever o relacionamento dos primeiros seres humanos entre si: "E

o homem [Adão] *conheceu* Eva, sua mulher" (Gênesis 4:1). A Árvore do Conhecimento representa, pois, não tanto a perda da inocência primitiva do Éden, mas, sim, a perda de um conjunto de relacionamentos e sua substituição por outro, muito diferente. Em vez do tipo de conexão macho-fêmea prático, instrumental, que prevalece no resto da natureza, temos a vantagem de uma ligação amplamente livre de uma obstinada determinação biológica. Por outro lado, esta liberdade faz surgir o impulso do mal, um desejo selvagem que desconhece restrições ou limitações, inclusive as de sua própria função original. Outros instintos humanos – a fome, a sede – estão claramente relacionados a fins funcionais específicos e geram saciedade quando esses fins são alcançados; o impulso sexual parece não ter outro objetivo a não ser o de sua própria satisfação. Ele é, pois, distintamente, um desejo humano, com seu potencial único para alcançar intimidade, assim como uma exaltação erótica que a Árvore do Conhecimento introduz no mundo.

A existência de proibições sexuais em toda cultura reflete o senso universal de estranheza em relação a este modelo distintamente humano; e assim, o pecado da Árvore do Conhecimento é descrito como tendo origem não de fome ou sede, mas de uma "luxúria para os olhos", uma atração pela beleza do fruto como um fim em si mesmo. É desejo puro, sem propósito utilitário. O aparecimento de tal desejo é especificamente conectado à mulher, pois enquanto em outras espécies a reprodução depende da suscetibilidade da fêmea, muito mais do que do macho, para um ciclo de disposição sexual, somente na fêmea humana este ciclo (como distinto do ciclo reprodutivo *per se*) não mais existe, e a atividade sexual é uma possibilidade constante. O pecado da Árvore do Conhecimento começa, portanto, com a mulher, pois é ela quem revela na sua própria estrutura a possibilidade de emancipação dos funcionamentos mecânicos do instinto. Se o homem continuasse preso às restrições do instinto, dos impulsos que fazem parte de sua própria biologia, ele poderia ter permanecido no Jardim do Éden, num mundo de muita beleza e satisfação, mas também de limitação. Por meio da Árvore do Conhecimento, um novo mundo passou a existir, onde o desejo atua livremente. Surgiu também a liberdade de escolha. O pecado da Árvore do Conhecimento é tanto o primeiro pecado quanto a chave para este mundo novo. Foi somente após muitas gerações, milhares de anos, que a raça humana, em plena liberdade, começou a reconstruir para si mesma estruturas funcionais que pudessem, com atraso, retificar o pecado original, dar a ele um significado positivo e, com isso, anular seu sentido de pecado, fazendo dele em vez disso um propósito e uma ação positiva.



Abrahão e os três anjos

CAPÍTULO DOIS

Abrahão, o renovador

Abrahão [Avraham]* é o herói de uma epopeia que é peculiar a Israel, mas que se destaca com uma grandeza própria na história da humanidade.

Na Bíblia, a história nos conta muito do homem e de suas ideias, o modo como viveu, seus amigos e inimigos, sua família, e assim por diante. Com tanta coisa tendo sido dita se poderia muito bem perguntar: O que, afinal, ele fez? O que faz dele uma figura central na memória da raça humana? Figuras-chave na história não são pessoas comuns, e comumente damos algum epíteto que descreva um grande nome: um nobre conquistador, um gênio artístico, um explorador intrépido, o fundador de um império etc. Como definir a grandeza de Abrahão?

Ao longo das gerações, a resposta mais aceita para esta pergunta tem sido o conceito de que Abrahão foi o inovador do monoteísmo: ele nos deu a crença em um único Deus. Ele é tido como o primeiro a ter concebido e desenvolvido a ideia e, portanto, quem fundou o povo judeu e todas as religiões monoteístas e, consequentemente, grande parte da filosofia e da maneira de pensar que constituem a fonte de nossa civilização.

* Gênesis 12:1-22:19